



Urbano Bettencourt

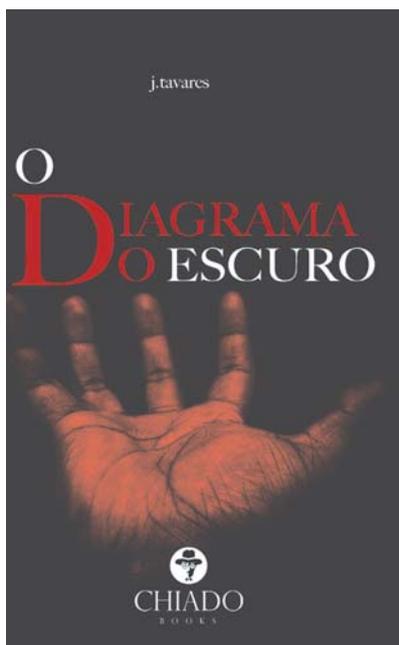
J. Tavares, O diagrama do escuro

Para situarmos, mesmo de forma abreviada, *O diagrama do escuro* e o seu lugar no percurso poético do autor, comecemos por lembrar que ele constitui o seu quinto título, após um início com *Versos experimentados* (2015), a que se seguiram *O que não ficou por dizer* (2016), *Qual o teu papel senão o de resistir?* (2018) e *Mors-Amor* (2018). Ora, para lá desta simples enumeração, importa parar um pouco nalguns pequenos sinais que eles nos enviam – sinais exteriores, ainda mesmo antes de entrarmos nos seus conteúdos, mas indiciadores de um processo próprio do autor: o primeiro desses livros vinha assinado por Júlio Tavares Oliveira, os três seguintes por Júlio T. Oliveira; em *O diagrama do escuro* temos o nome do autor reduzido a J. Tavares.

Esta não é, na verdade, uma questão central do ponto de vista da interpretação, mas permite pensar que nem sempre o nome literário é um dado adquirido «à nascença» e por vezes há razões, estéticas ou outras mais pessoais, que lançam um autor em busca de uma assinatura condizente com o seu percurso ou com a figura autoral que pretende construir. Em todo o caso, e vendo a situação do exterior como eu vejo, pode-se sempre perguntar se este novo livro marca o arranque da assinatura para um novo ciclo ou se nele se assinala apenas uma autoria específica, em consonância com os seus conteúdos – mesmo sem querer responder a qualquer das questões que aqui levanto de passagem, não deixo de ver na opção por este nome de capa uma homenagem indirecta ao destinatário explícito de dois dos mais melancólicos poemas deste livro: «elegia» (p. 18) e «de esperar que o tempo não passe» (p. 32).

O diagrama do escuro é um título que nos situa de imediato num universo de teor negativo e, neste sentido, articula-se ainda com o livro anterior *mors-amor*, na dualidade dramática do conflito pessoal e íntimo, de proveniência confessadamente anterior. A negatividade que no livro actual se afirma prende-se desde logo com a natureza física do escuro, enquanto realidade definível pela ausência e privação, mas também com os valores subjectivos que metaforicamente convoca: ameaças e insegurança, bloqueamentos e silêncio, abandono, enfim. É sobre este fundo disfórico que no interior de *O diagrama do escuro*, nos seus textos, se representa um outro drama de amor e morte (para recuperarmos os termos do soneto de Antero), em cujo centro se faz ouvir um sujeito lírico desamparado e em busca de uma passagem para a luz, em busca de um alguém que seja o rosto e uma outra voz para o diálogo.

E todo esse drama se desenrola no tempo e contra o tempo, descrito logo no início como desregulado e hostil, fera que deixa as suas marcas no corpo do sujeito poético. Também aqui tudo se encontra verti-



do no tempo, disperso e degradado, como ocorre no diálogo de José Martins Garcia com Nemésio em poema citado n' *O diagrama do escuro*; tempo vivido como passado e presente, mas também como antecipação de um futuro em ausência e perda (*escuro* e vazio) na «elegia» dedicada a António Tavares (p. 18): *quando te fores morrerão as árvores hírtas de verão e as toalhas na relva à laia de piquenique | morrerão todos os agostos todos os saltos para a água | morrerão os salpicos as bandeiras verdes ao vento fresco | e as morenas soalheiras empoleiradas nas janelas sobre a inutilidade das ruas (...) morrerá tudo o que te tiver (...)*

A essa voz que de forma persistente se faz ouvir em várias direcções ou se dirige a interlocutores diversos, resta por vezes reconhecer a impossibilidade da comunicação ou, noutros casos, confessar o cansaço que é o resultado da luta e da busca e também o pré-anúncio da desistência e a afirmação da inutilidade da procura, como acontece na fala íntima e comovida do poema «até ao sabugo» (p. 12), em que o disfarce é ainda uma forma ilusória de salvar a aparência das coisas: *digo o teu nome e digo ilha e digo casa | e digo caber num gomo de luz e espremer-lhe o suco solar nas tuas | mãos | as unhas roidas até ao sabugo como um sonho | exausto de tentar (...) digo o teu nome mãe | e fui buscar um sono sintético ao horizonte que te ofertei | em comunhão geral de bens | e finalmente num salto para o indefinido um beijo de boa | noite | e um até amanhã como se não percebesse que a luta | acaba aqui finalmente | e que não vale mais a pena lutar (...)*

«A missão suprema da arte consiste em libertar os nossos olhares dos terrores obsidianos da noite», escreveu Nietzsche. Sem entrar agora nos meandros das reflexões do filósofo sobre a arte, o que importa dizer aqui é que a expressão artística, neste caso a poesia, não se constitui como imitação de um dado anterior, mas como a construção de uma outra realidade, alternativa, que o poeta pode definir e controlar na linguagem em que se exprime e através disso ultrapassar-se a si mesmo. E no interior da criação literária, sabemos nós, tudo pode tornar-se matéria poética no discurso sobre o mundo e o (novo) real, mesmo os materiais pobres e negativos transformam-se nessa *outra coisa* ainda de que falava Pessoa.

No poema «enquanto a luz se apaga» (p. 13), é notório o modo como *escuridão* recobre a noção de morte e por arrastamento a anulação de todas as imagens; mesmo assim, é do fundo dessa privação absoluta, ou quase, que o poeta afirma ainda a possibilidade de transformá-la em algo positivo e de... sobreviver: *meu amor | na escuridão quando se completar o escuro | e a única imagem que tenho tua se me apagar || terei de ti um desenho a preto: || não será luto | não - | será luz.*

Nesta capacidade de reverter em luz a escuridão e em presença a ausência residirá a força da poesia, o sentido que ela faz para o poeta e deve fazer também para o leitor: a pequena luz que se acende no interior do escuro, que neste livro se manifesta de diversos ângulos e sob perspectivas diferenciadas, aquelas a que cada texto dá uma forma concreta.

Num poema em que tematizava questões como a vida, a morte, e a consciência aguda daquilo que no tempo se perdera, o sujeito poético de Nemésio metaforizava-se (e nele a poesia) em «lâmpada de pobre» – a humildade poética assim confessada resulta da constatação da pequenez do homem perante a grandeza da noite e da morte, imagens aqui em sobreposição. Mas, na sua reduzida dimensão, essa lâmpada é ainda um sinal de vida no interior do escuro e a recusa de que a noite e a morte possam ocupar e anular por completo a realidade solar da vida.

Penso n' *O diagrama do escuro* também nestes termos, o de uma poesia que se afirma como a lâmpada no interior da solidão e da noite e se alimenta das pequenas e grandes vicissitudes da vida para tornar-se, no fim, uma forma de sobrevivência e de resistência. E *qual o teu papel senão o de resistir?* – perguntava-se o poeta no seu livro de há dois anos.

Texto lido na apresentação do livro de J. Tavares *O Diagrama do Escuro* (Lisboa: Chiado, 2019), na Biblioteca Municipal Tomaz Borba Vieira, Lagoa, a 22 de Janeiro de 2020.